



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 2, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.02.78>

Recebido em: **31/08/2020**

Aprovado em: **04/09/2020**

A Realidade da Mulher Latina, Negra e Indígena na Literatura HispanoAmericana Contemporânea; The Reality of Latin, Black, and Indigenous Women in Contemporary Hispanic American Literature; La realidad de las mujeres latinas, negras e indígenas en la literatura hispanoamericana contemporánea

TAMIRES CRUZ SANTOS SILVA

<https://orcid.org/0000-0003-3398-8230>

RESUMO

A Literatura Hispano-Americana traz contribuições importantes ao contar por diversos olhares a história a América Latina a partir da interpretação da realidade que é e que foi possível alcançar pelos(as) escritores(as) que registraram para a posteridade histórias de si e dos(as) outros(as). Estamos apenas começando um processo coletivo de identificação, percepção e reparação de injustiças sociais por diferenças de raça, cor, gênero, religião, sexualidade e origem. Neste trabalho, foi analisada a presença da mulher negra ou indígena e latina como intelectual na Literatura Hispano-Americana Contemporânea. Foi empregada pesquisa bibliográfica de literatura já publicada na área. Se trata de mais um ponto de visibilidade de vozes antes caladas, ou que ao menos não conseguem tanta expressão como deveriam.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana, mulher indígena, mulher negra, mulher latina

ABSTRACT

Hispanic American Literature brought important contributions by telling Latin America history from different perspectives, based on the interpretation of the reality that it is and it was possible to reach by the writers who recorded stories of themselves and others. We are just beginning a collective process of identifying, perceiving, and repairing social injustices due to differences in race, color, gender, religion, sexuality, and geographical origin. In this work, I analyzed the presence of black or indigenous and Latin women as an intellectual in Contemporary Hispanic American Literature. I applied bibliographic research of literature already published in the area. It is another point of visibility for voices previously silent, or at least do not get as much expression as they should.

Keywords: Hispanic-American literature, indigenous woman, black woman, latin woman

RESUMEN

La Literatura Hispanoamericana aporta importantes contribuciones al contar la historia de Latinoamérica desde diferentes perspectivas, a partir de la interpretación de la realidad que es y que fue posible alcanzar por los(as) escritores(as) que registraron para la posteridad historias de sí y de otros(as). Estamos comenzando un proceso colectivo de identificación, percepción y reparación de injusticias sociales por diferencias de raza, color, género, religión, sexualidad y origen geográfico. Aquí se analizó la presencia de mujeres negras o indígenas y latinas como intelectual en la literatura hispanoamericana contemporánea. Se utilizó la investigación bibliográfica de la literatura ya publicada en el área. Es otro punto de visibilidad para voces antes en silencio, o no consiguen tanta expresión como deberían.

Palabras-clave: Literatura hispanoamericana, mujer indígena, mujer negra, mujer latina.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura Hispano-Americana traz contribuições importantes no sentido de contar através de diversos olhares a história da América Latina desde de sua descoberta e colonização, até os dias de hoje. Estes diferentes olhares, que trazem as peculiaridades de seus(suas) portadores(as), apresentam diferentes perspectivas que se formam a partir da interpretação da realidade que é e que foi possível alcançar pelos(as) escritores(as) que escolheram viver o desafio de registrar para a posteridade histórias de si e dos(as) outros(as), também trazendo a roupagem histórica da época em que viveram, levando em consideração as diferentes características de cada escola literária no correr dos séculos.

Neste contexto, é possível notar que, desde o Quinhentismo até a Literatura Contemporânea – da mesma forma que ocorre em diversas outras áreas do saber, da ciência e da arte, para não dizer quase todas elas – os autores homens acabam tendo maior projeção e destaque de suas obras em detrimento das obras elaboradas por mulheres. É possível perceber, mesmo com um estudo relativamente superficial da Literatura Hispano-Americana através das eras que, a razão para que esta disparidade em termos de aprofundamento de estudos e divulgação de autores e autoras traz raízes profundas no machismo perpetrado pelo contexto de sociedade patriarcal em que vivemos por tanto tempo.

Quando colocamos nosso olhar de uma forma mais aguda diante desta realidade e incluímos na análise recortes de raça e etnia para além dos recortes de gênero, esta desigualdade se amplia. No Brasil, vivemos ainda uma realidade em que, na nossa sociedade cega de preconceito e desamor, o homem cis e branco é colocado no topo de uma pirâmide de privilégios e vantagens em vários sentidos (podemos citar as áreas financeira, social, familiar, educacional, entre outras), seguido pela mulher branca, e assim na posição antepenúltima temos o homem negro ou indígena e na base desta pirâmide como a camada da sociedade mais marginalizada considerando os parâmetros de gênero, raça e etnia colocados aqui, temos a mulher negra ou indígena (BRASIL, 2009 *apud* IPEA, 2011, p. 34).

Estamos numa fase de caminhar da humanidade em que estamos apenas começando no processo coletivo de identificação, percepção e reparação de injustiças sociais, de abismos que existem em termos de participação, presença e relevância de pessoas como formadoras de opinião e autoras de seu próprio discurso por conta de diferenças de raça, cor, gênero, religião, sexualidade e lugar de nascimento. Entre as áreas do saber em que pode-se e deve-se investigar estas formas de desigualdade, está a área literária, colocando como foco deste estudo a Literatura Hispano-Americana Contemporânea e a mulher latina negra ou indígena como forma de investigar como se dá a mesma falta de representatividade que se encontra em outros lugares e como ela se repete nesta realidade circunscrita para estudo neste artigo.

Por isso, temos como objetivos:

- Analisar a presença e relevância da mulher negra ou indígena e latina como intelectual no âmbito da Literatura Hispano-Americana Contemporânea;
- Versar sobre Literatura Hispano-Americana Contemporânea e seu estado da arte;
- Discorrer sobre a imagem, presença e relevância da mulher latina negra ou indígena e latina na sociedade e em posições de destaque e liderança como intelectual em diversos âmbitos do saber;
- Relacionar a imagem, presença e relevância da mulher latina negra ou indígena e latina na sociedade e em posições de destaque e liderança como intelectual com seu papel especificamente dentro do âmbito da Literatura Hispano-Americana Contemporânea.

A metodologia empregada será de pesquisa bibliográfica da literatura já publicada nas áreas citadas nos objetivos específicos.

Temos como expectativa encontrar uma realidade de falta de representatividade feminina negra, indígena e latina neste meio, principalmente como autoras, como produtoras de conteúdo, assim como esta falta de representatividade é encontrada em outros âmbitos do saber e em funções de liderança em geral.

2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Na literatura hispano-americana, há como uma das principais características a indagação do passado para o gesto criador, sendo interpretada como uma obsessão temática diretamente vinculada ao tópico da identidade cultural, talvez como forma de não identificação com os padrões eurocêntricos da literatura, trazendo um valor especial aos aspectos culturais regionais. Consequentemente, há uma alta incidência de romances históricos neste território literário, subgênero que, emergindo no século XIX, instala-se na contemporaneidade com força expressiva e vitalidade plena (SANTOS, VARGENS e BARRETO, 2006, p. 570).

Sendo assim,

pode-se afirmar que, contando com um acervo enorme de histórias privadas e coletivas, tecendo a história das nações, ainda que por outras vias, o romance, em particular o histórico, exercita essa propriedade que lhe é inerente: fabular as conjunturas da história, dramatizando, inclusive, as mentalidades e sensibilidades que se expandem em temáticas tão amplas e abstratas quanto amor, maldade, vida, morte, costumes, celebrações e rituais, dentre outros aspectos da existência humana que potencializam a riqueza literária (SANTOS, VARGENS e BARRETO, 2006, p. 571).

Reforçando esta tendência de maior valorização da cultura e da identidade regional em detrimento da já tão valorizada e cultuada cultura europeia, nas décadas de 1920 e 1930, a partir das reflexões da intelectualidade latino-americana em Gabriela Mistral, observa-se uma perda de força da imagem do Mediterrâneo europeu enquanto lugar das origens e do nascimento das nações do subcontinente. Daí é trazida a ideia de que a história da América Latina não se inicia com a chegada do colonizador e sua influência impositiva. Há uma história própria deste Novo Mundo que prevalece e sobrevive mesmo com as tentativas de sufocá-la (BENEDUZI, 2015, p.14).

Diferentemente, ao mesmo tempo, percebe-se o aumento da representação daquele espaço geográfico como modelo de mestiçagem e evidência concreta da expectativa de um grande futuro para o novo mundo, desprezando a ideia do ser mestiço(a) como algo negativo ou algo invisível ou inexistente ou bizarro (BENEDUZI, 2015, p.14).

Entretanto, de acordo com Beneduzi (2015), há uma reviravolta na tendência explanada anteriormente:

As duas décadas que separaram as duas guerras mundiais foram um momento de grande efervescência no meio intelectual latino-americano. Alguns conceitos – como os de nação e de identidade na América Latina – foram muito enfatizados e discutidos em diferentes perspectivas. No período anterior à guerra – historicamente caracterizado por um processo de europeização da sociedade latino-americana – a intelectualidade subcontinental preocupava-se com a face mestiça das realidades nacionais e ocupava-se da criação de nações não-indígenas. Diferentemente, o pós-guerra foi caracterizado por uma profunda transformação neste processo

interpretativo dos estados nacionais na América Latina (BENEDUZI, 2015, p. 14 e 15).

Pelo que é trazido por Beneduzi (2015), é possível perceber que ao menos aparentemente as conquistas obtidas nas décadas anteriores em termos do enxergar a realidade híbrida da América Latina no que diz respeito a raças e etnias são ao menos parcialmente perdidas com o advento das duas grandes guerras, onde o mundo vivia um contexto de extrema polarização e de intentos perigosos de “purificação” do mundo através do nazifascismo, que nos colocou à beira do abismo como humanidade. A primeira guerra, que a princípio seria a guerra para acabar com todas as guerras, contribuiu em verdade para fermentar um contexto ainda mais sombrio na segunda que viria logo adiante.

Esta realidade trouxe a necessidade de resgate destes valores de diversidade que foram perdidos ainda que não totalmente e esta função de resgate ficaria para as próximas gerações: resgate do celebrar da diversidade étnica, casado ao resgate da feminilidade na literatura hispano-americana.

3 A MULHER NEGRA, INDÍGENA E LATINA NA LITERATURA HISPANO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Antes de iniciar um diálogo falando mais especificamente sobre a mulher negra, indígena e latina, trazemos reflexões de cunho espiritual encontradas na obra de Benjamin Teixeira de Aguiar sobre a mulher e seu papel no mundo, trazendo em seu bojo uma defesa fervorosa desta maioria planetária que é desprezada como minoria:

Leiamos os quatro Evangelhos clássicos e constataremos que nada há contra os três grupos – mulheres, negros e gays – ou quaisquer outras “minorias”. Ao contrário, JESUS combatia, incessantemente, a hipocrisia e a pretensão de superioridade dos(as) condenadores(as) de plantão, tomados(as) por seu Mestre, há dois milênios, continuam hoje a matá-l’O, no movimento assassino do desrespeito às diferenças e da perseguição a vítimas preferenciais da discriminação e do preconceito (AGUIAR, 2015).

É interessante notar que, partindo das lentes de observação da realidade pautadas num Cristianismo Primordial, a partir do que é encontrado na Bíblia Sagrada nos registros de falas de Jesus, mesmo numa interpretação não muito profunda destes registros, não é possível encontrar uma única fala contra as majorias mais discriminadas de nossa época, como dito na citação acima. Entretanto, ainda que teoricamente a partir da leitura e estudo da Bíblia Sagrada não haja nenhuma “ordem” no sentido de pregar a desvalorização e alienação da mulher, ainda vivemos uma realidade em que mulheres não são autorizadas a celebrar missas no seio da Santa Madre Igreja Católica, sendo que não há uma explicação concreta sobre isso nos registros de falas de Jesus. É possível encontrar falas de desprezo à mulher em outros livros do Novo Testamento, como nas cartas de Paulo de Tarso, mas não em Jesus. Isso deixa claro um aspecto de incoerência importante, já que estamos falando de uma religião cristã.

Nesta outra fala, Aguiar (2013) traz uma perspectiva mais direta e sintética de defesa da mulher e da feminilidade:

Cromossoma fundamental. A mulher cromossomicamente é XX; o homem, XY. A base comum da humanidade é o X – o elemento que, duplicado, gera

uma mulher. Portanto, é o Feminino que melhor nos caracteriza a humanidade (AGUIAR, 2013).

Quase fora da escória. Há muito menos população carcerária feminina que masculina. Crimes hediondos são expressivamente mais cometidos por homens. Genocidas, quase todos na História, foram homens. Nada a aditar (AGUIAR, 2013).

Com estas afirmativas, não há de forma alguma a pretensão de alçar a mulher a uma posição em que esta deveria ser percebida como superior ou melhor que o homem. A interpretação mais apropriada deve ir no sentido de que é necessário aconteça um movimento de valorização e compensação da mesma, que deve vir como forma de contraposição ao longo período de obscurantismo milenar sofrido por esta que se faz tão essencial para que o mundo se mova e continue a girar e funcionar. Este movimento deve acontecer como uma forma de basta gradual e definitivo desta fase da humanidade em que, infelizmente, apesar das conquistas já obtidas, as mulheres ainda não são respeitadas como devem em vários aspectos de sua existência. Sobre este basta necessário, Aguiar (2000) traz:

As mulheres foram aprisionadas, por séculos de séculos, ao cativeiro da opressão. Agora, chegou a hora da revanche... a revanche do amor. Com a força da bondade, do devotamento, da intuição refinada e da capacidade relacional que tão bem **foram desenvolvidas**, em milênios de submissão forçada, **serão elas** a salvar o planeta, zelando por **seus** filhos, todos eles, sem distinção – filhos **seus** que são os homens (e não **seus** rivais), carecedores de **sua** ajuda, de **seu** benquerer, de **seu** perdão... Nenhuma “vingança” histórica seria mais bem urdida. Tentaram **calá-las**; **bradarão** o grito da libertação humana!... Pugnaram por **sufocá-las**; somos agora o ar que renova a espécie humana!... Fizeram tudo por **depreciá-las**; tornamo-**las** o maior patrimônio da humanidade!... **Foram oprimidas**, no transcorrer de milênios ininterruptos – às vezes, até com a intenção de **protegê-las** –; agora, é a hora de retirar o jugo de ignorância e medo, orgulho e sanha assassina que a civilização do patriarcado criou, com todo o seu sistema de guerras, de confrontos, de violências ecológicas. Chegou **a vez delas**, chegou a vez da humanidade, chegou a vez do amor, chegou a vez das mães... chegou, enfim, a vez da mulher, a vez da Feminilidade!... (AGUIAR, 2000, **adaptação da autora do artigo**).

A citação acima, quando traz que chegou a vez da Feminilidade, a traz contemplada não apenas nas mulheres, mas também a Feminilidade que pode ser encontrada nos homens que podem se somar à luta por maior visibilidade das mulheres em todos os campos do saber humano. Há muito o que ser compensado historicamente e este trabalho de resgate está apenas começando.

Partindo agora para um âmbito de discussão que leva em conta os recortes de raça e etnia, como já adiantado na introdução, a mulher latina negra e indígena se encontra na base da pirâmide em termos de privilégios, mesmo considerando direitos básicos como saúde, moradia, educação, estabilidade familiar, salários, presença em posições de liderança na política e no mercado de trabalho, entre outros aspectos. Esta mulher normalmente é desprezada, é vista como um instrumento que desperta apenas apetite sexual, feita para trabalhos entendidos como subalternos e nada além disso. Nossos olhos ainda não foram devidamente treinados a enxergar estas mulheres como intelectuais ocupando posições de poder e influência sobre multidões. A partir da percepção desta lacuna, é possível entender o poder que o racismo institucional ainda possui em nossa sociedade. Segundo Santos (2016):

Racismo institucional é o fracasso coletivo de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas em razão de sua cor, cultura, ou origem étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano de trabalho, os quais são resultantes da ignorância, da falta de atenção, do preconceito ou de estereótipos racistas. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações (DIAS; GIOVANETTI; SANTOS, 2009, p. 16, *apud* SANTOS, 2016, p. 612).

Estes padrões de discriminação são percebidos até mesmo quando fazemos pesquisas de imagens utilizando ferramentas de busca na internet colocando na busca profissões de destaque como medicina, por exemplo. A grande maioria das pessoas que aparecem são brancas. É preciso retirar o vício de nosso olhar que aparece também nos algoritmos, que trazem o reforço de nosso preconceito. Trazendo mais especificamente a escassez de representatividade e reconhecimento da mulher na literatura, Santos (2014) afirma que:

Pesquisas sobre as relações mulher e literatura referem que os cânones tradicionais não se preocuparam em reconhecer a mulher como sujeito do processo histórico-cultural e seu papel enquanto instância discursivo-textual, o que acarretou um apagamento dessa produção literária. Nesse sentido, torna-se fundamental implementar trabalhos que proponham estudos críticos sobre a literatura escrita por mulheres, visto que, além de contribuírem para ampliar o conhecimento nessa área, firmam uma vertente literária que ainda apresenta lacunas nas investigações acadêmicas (SANTOS, 2014, p.109).

Reforçando a discrepância que há de tratamento entre os dois gêneros. Santos (2014) traz que:

As relações sociais baseadas nas diferenças sexuais, de acordo com Liane Schneider (2000), foram consolidadas a partir da instauração do sistema de gênero na sociedade ocidental, o que acarretou o surgimento da figura da mulher marginalizada em um contexto centralizado no sujeito masculino. Desse modo, o sistema de gênero de caráter patriarcal define o sujeito masculino a partir de uma posição exponencial, sempre de forma mais positiva e independente do que o sujeito feminino. Essa relação assimétrica resulta de uma visão de “opostos absolutos”, em que o modelo masculino é tomado como base para a existência humana, prescrevendo o “*status* do Outro” àquele que não corresponde a esse paradigma. [...] Esse percurso possibilitou desarticular os cânones tradicionais e projetar para o futuro a escrita de uma nova história da literatura, na qual, mais e mais, a voz da mulher ecoa com a autonomia que lhe é devida. Ainda assim, o reconhecimento da literatura de autoria feminina é um processo que continua em construção, atingindo, não só novo público produtor e leitor feminino, como também incorporando outras visões de alteridade (SANTOS, 2014 p. 110 e 111).

Trazendo um pouco mais da questão racial, só que agora na diáspora africana no Brasil, esta ainda é

complexa, pelo fato de que é largamente considerada como verdade a falácia de que que somos determinados(as) biologicamente. Assim, a cor da pele diria quem somos e conseqüentemente os direitos e as oportunidades a que teríamos acesso, trazendo com esta ideia uma visão determinista, ou seja, um destino do qual não se poderia fugir; restaria apenas aceitação e resignação num contexto como este. Tais efeitos discursivos ainda constroem negros(as) em muitos contextos, com crenças falsas e limitantes sobre suas reais capacidades (que são inúmeras). São vistos(as) como marginais, bandidos(as), não confiáveis, feios(as), incompetentes, incapazes para atividades intelectuais, etc. (MELO e LOPES, 2014, p. 544).

O reforço a essa visão altamente depreciativa e violenta, pois abate e mina a autoestima das pessoas que são alvos destes tipos de ataque, se observa nos programas de humor em que a prática da *blackface*, introduzida na televisão brasileira em 1969, na novela *A cabana do Pai Tomás*, se tornou um dos recursos mais utilizados, potencializando ao extremo a deformação do corpo da mulher negra (OLIVEIRA NETO, 2015, p.77), reforçando ainda mais o estereótipo ligado a esta: uma mulher voluptuosa, que deve estar sempre disponível para prestar favores sexuais, a mulher que não é escolhida para o casamento e demais idealizações do amor romântico; a preterida para a posição de esposa, mãe e intelectual-líder bem-sucedida, mas que não é dispensada, porque a sociedade precisa dela e de seu suporte para manter o status quo. Precisa dela para amamentar seus filhos, limpar suas casas, aceitar seus baixos salários, para que assim não encontre muito espaço para pensar e idealizar uma vida que caminhe para além da submissão e da humilhação. Uma vida em que possa viver com totalidade, sendo a mãe, a mulher, a esposa, a intelectual, a atleta, a acadêmica, a escritora, a juíza, a médica, a presidenta e quaisquer outros papéis que queira para si e para fazer ainda mais pelo girar das engrenagens da humanidade.

Esclarecendo um pouco mais como esta prática deve ser entendida:

Charô Nunes (2013) explica que a *blackface* não é uma piada inocente, “é um instrumento racista clássico que se iniciou no teatro estadunidense quando atores brancos pintavam seus rostos de preto para criar retratos. De acordo com Fernando Lobo, a fantasia nega maluca foi uma encomenda da loja *A Exposição*, que funcionava no Rio de Janeiro, tornando-se um estrondoso sucesso de venda naquele mesmo ano, 1950, sendo até hoje uma fantasia comumente usada no carnaval estereotipados de pessoas negras, contribuindo para a disseminação e decantação do racismo” (OLIVEIRA NETO, 2015, p. 77 e 78).

Entretanto, felizmente, como forma de resistência a estas práticas violentas e desumanizantes, surgiu na segunda metade do século XX um novo gênero literário na América Latina. A narrativa de testemunho, também chamada de *literatura de depoimento*, a qual nasceu da necessidade de se expressar a opressão dos grupos considerados inferiores pela sociedade branca dominante, em um contexto de ferrenhas ditaduras nos Estados Nacionais latino-americanos (ALÓS, 2009, p. 141). Com o surgimento desta nova forma de literatura é nascida a também uma nova chance de fazer-se público o sofrimento do povo que é escondido, do povo que tem seus padecimentos ignorados. Daí poderia vir com toda a força a voz da mulher negra, indígena e latina marginalizada. Esta voz teria finalmente sua oportunidade de viver para fora das coxias da história da literatura hispano-americana contemporânea. Trazendo mais detalhes sobre este tipo de literatura, Alós (2009) afirma:

Se a biografia e a autobiografia são desvalorizadas como expressões de uma “literatura menor”, a literatura de depoimento sequer é elencada como potencialidade literária, como pode ser notado nas palavras de Flora Sussekind: “um pouco a reboque da voga de depoimentos políticos e do tom biográfico marginal, constituiu-se um gênero específico de narrativa,

próxima ao confessional, ao ‘diário de adolescente’, ao *testemunho*, marcada por um eterno *tête-a-tête* com o leitor, e cuja preocupação principal nem de longe é com o trabalho literário, mas sim com a ‘sincera’ expressão dos fantasmas de quem escreve. E que se utiliza assim terapêuticamente das letras” (ALÓS, 2009, p. 141).

Não por acaso, o *testemunho* foi o gênero adotado por escritoras comprometidas com importantes questões políticas do século XX, tais como a luta anticolonialista dos povos indígenas na Guatemala e o movimento operário de mineiros na Bolívia. Trata-se de uma forma de literatura de forte cunho político, portanto, que enfrenta destemida e ferozmente a resistência manifesta pela crítica literária canônica, que vive para querer manter movimentos e estilos tradicionais de literatura intocados por quem ousa pensar e muito mais que pensar, agir fora da caixa das limitações impostas pelos preconceitos sexistas, étnicos e linguísticos (ALÓS, 2009, p. 141).

Entre estas vozes corajosas, podemos encontrá-las nas narrativas-testemunho da autora guatemalteca Rigoberta Menchú, especialmente na obra “*Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*”, escrita em parceria com Elizabeth Burgos-Debret. Outra obra digna de nota é “*Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada*”, escrita pela autora brasileira Carolina Maria de Jesus. Estas obras encontraram ocasião para ser publicadas graças à intervenção do jornalista Audálio Dantas. Nestas obras, é possível encontrar de que maneiras esse gênero literário amplia a compreensão do papel da literatura através da conciliação da *elaboração artística* com a *intervenção política*, sob o ponto de vista de uma escrita feminina consciente e comprometida com o questionamento da história oficial (ALÓS, 2009, p. 141). A literatura neste contexto é utilizada como ferramenta que vai muito além da intenção de entreter e distrair quem lê. Ela traz despertar de consciência, traz o despertar para que quem lê tenha a chance de sair do torpor cultural e que assim consiga abrir seus olhos para realidades que podem ser bastante diferentes das suas e que merecem ser lidas, conhecidas, historiadas e convertidas em realidades mais saudáveis.

4 RIGOBERTA MANCHÚ – SIMBOLO DE LUTA E RESISTÊNCIA PELA PAZ E PELOS DIREITOS HUMANOS

Nascida na Guatemala, Rigoberta Menchú Tum tornou-se conhecida depois da publicação, em 1985, do livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*, escrito juntamente com Elizabeth Burgos. A obra narra o processo de despertar da consciência de Menchú para a situação de injustiça social, política e econômica que a cercava. Ela traz em sua vida um despertar precoce para estas realidades tão adversas: já aos sete anos de idade, ela começa a questionar as condições em que os indígenas de sua comunidade eram transportados para os trabalhos nas fazendas. Estas pessoas eram colocadas em situação de desumanização, sendo transportadas juntamente com animais em caminhões fechados, sem qualquer forma de ventilação ou tipo de higiene (SANTOS e ZOLIN-VESZ, 2016, p. 36).

O maior objetivo de Menchú passa a ser, dessa forma, aprender espanhol para que ela e sua comunidade possam ter acesso aos bens sociais que lhes são negados, pelo próprio Estado, em função do não conhecimento do castelhano. Daí se observa um exemplo bem claro do quantos os preconceitos linguísticos podem impor barreiras às conquistas de direitos que deveriam ser comuns a qualquer ser humano em sociedade, seja qual for sua forma de organização e existência (SANTOS e ZOLIN-VESZ, 2016, p. 36).

Grande parte da população indígena guatemalteca, segundo Menchú, não possuía acesso ao espanhol, sobrelevado à língua oficial naquele país. Sua aprendizagem se torna, para Rigoberta, uma questão de sobrevivência e de

resistência: a única maneira de enfrentar a exclusão social seria, inicialmente, vencer a barreira linguística para, em seguida, as demais instâncias sociais de segregação das comunidades indígenas da Guatemala (SANTOS e ZOLIN-VESZ, 2016, p. 36).

Como em toda história como esta que ocorre em diversas partes do planeta, nada desta realidade ocorre por acaso. Há raízes fortes históricas, de onde vêm as resistências maiores à mudança de mentalidade e de comportamento, para que todos os povos sejam tratados de maneira igualitária, sem pressuposições de inferioridade ou de superioridade. Uma explicação pertinente para as origens deste estado de segregação e imposição de sofrimento a povos indígenas é trazida por Santos e Zolin-Vesz (2016):

A questão da desigualdade social, que aflige as comunidades indígenas da Guatemala e perdura até os dias atuais – como nos narra a biografia de Menchú –, parece constituir-se como herança do processo de colonização estabelecido pela Espanha, corroborando o que Grosfoguel (2008) denomina colonialidade, ou seja, “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (GROSFOGUEL, 2008, p.126). Assim, relações de exploração e de exclusão dos indígenas ainda persistem na recente história da Guatemala, agora materializadas por meio da figura do ladino: “*La relación de explotación existente del ladino para con el indígena constituye la contradicción dominante en las estructuras de clases. El ladino monopoliza la tierra de alta productividad [...]; explota mano de obra indígena; monopoliza el crédito agrícola*” (BÖCKLER; HERBERT, 2002, p.109, *apud* SANTOS e ZOLIN-VESZ, 2016, p. 38).

Explicitando mais especificamente as questões de barreira linguística e das condições violentas e desumanizantes de trabalho:

De igual modo, a língua trazida pelo colonizador, alçada ao posto de oficial do país, prevalece, preservando relações de marginalização estabelecidas desde o período colonial. As comunidades indígenas do Altiplano, região montanhosa da Guatemala onde Menchú e sua família viviam, sofreram incessantemente com essa segregação: por não possuírem autoridade frente ao castelhano, tornaram-se passíveis de exploração por parte dos coronéis do café e do algodão. Nas fazendas, deparavam-se com diversas doenças e com a morte, em decorrência da fome e das péssimas condições de trabalho, o que dizimou parcela significativa de índios guatemaltecos. Além disso, a pouca terra que possuíam para cultivar era invadida e tomada pelo governo e pelos fazendeiros. Nessa seara, Menchú passa a entender a aprendizagem da língua espanhola como necessidade, como forma de sobrevivência e de resistência ao *status quo* de uma sociedade em que não estava inclusa (SANTOS e ZOLIN-VESZ, 2016, p. 38 e 39).

Seu contexto histórico e sua experiência particular como mulher indígena guatemalteca fazem com que Rigoberta Menchú entenda o seu depoimento como uma estratégia político-cultural de resistência, e não como elaboração textual com fins estéticos. É bastante compreensível que numa realidade de urgências por mudanças, de urgência

por conseguir trazer para o seu povo formas mais dignas de viver e existir, a estilística literária seja provavelmente a última preocupação de sua lista. Mesmo a decisão de aprender o castelhano tomada por Rigoberta tem como intenção o *fazer-se ouvir* em um sentido mais político e menos estético. Não parece ser apenas uma iniciativa com intenções de levar a uma homogeneização de si mesma, para que se colocasse mais semelhante ao povo que a reprime e que reprime o povo do qual faz parte. Tratou-se um esforço de criar pontes com o “inimigo”. Daí a impressão de *homogeneidade* desta narrativa-testemunho, ainda que a natureza da autoria do texto seja dupla (por ter sido escrito por duas autoras), e a sua organização interna seja polifônica (ALÓS, 2009, p. 152).

A princípio pode soar estranho, no mínimo incomum que duas mulheres provenientes de lugares de fala e de vivências tão diferentes tenham se juntado para confeccionar uma obra como esta. Porém, Alós (2009) esclarece esta aparente incoerência:

Seria o processo de canonização do discurso subalterno latino-americano por uma voz editora europeia uma nova onda imperialista que tenta impingir sua própria interpretação etnocêntrica ao discurso de Rigoberta? O pacto de solidariedade estabelecida entre uma mulher culta e letrada de origem europeia e uma mulher indígena semialfabetizada da América Latina é realmente produtivo (no sentido de realizar uma intervenção política), ou estaria ele escondendo uma assimetria étnica neocolonialista? Não, se pensarmos que há a necessidade da transcrição do testemunho para que este se configure como narrativa-testemunho, como *escritura*. É graças à sua cristalização na forma de narrativa escrita que o relato de Rigoberta se transforma em intervenção política; é graças a esse pacto de solidariedade estabelecido entre essas duas mulheres que é dado conhecer, ao mundo letrado, a violência à qual estão submetidos os povos indígenas guatemaltecos (ALÓS, 2009, p. 152).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi escrito com o objetivo de ser mais um ponto de visibilização de vozes que normalmente são caladas em nossa sociedade, ou que ao menos não conseguem tanta expressão como deveriam. Há muito o que descobrir, muito o que ser conhecido e transformado para melhor na vida destas mulheres. Há a convicção de que muitas vezes, por tanto tempo de silenciamento, é necessário abrir mão um pouco que seja da “boa educação”, que pede que peçamos licença para ter um momento de expressar nossas questões. Muitas vezes é preciso arrebentar a porta em vez de esperar que ela seja espontaneamente aberta por outrem que se interessa muito mais em nos mergulhar no esquecimento do que em contribuir para nos levar diante da luz da consciência, restaurando sua vontade política de ajudar a transformar esta realidade. Rigoberta Menchú nos traz esta força e nos mostra os bons frutos de sua atitude de enfrentar quem sempre quis silenciá-la.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. Mulher – Parlamento com opiniões sumárias de 18 Amigos e Amigas Espirituais. 2013. Instituto Salto Quântico. Disponível em: <http://www.saltoquantico.com.br/2013/11/02/mulher-parlamento/>. Acesso em: 21 out. 2019.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. Instituto Salto Quântico. Por que a homossexualidade não é condenada por Jesus. 2015. Disponível em: <http://www.saltoquantico.com.br/2018/07/20/por-que-a-homossexualidade-nao-e-condenada-por-jesus/>. Acesso em: 21 out. 2019.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. Instituto Salto Quântico. A glória das libélulas solitárias. 2000. Disponível em: <http://www.saltoquantico.com.br/2009/03/27/a-gloria-das-libelulas-solitarias/>. Acesso em: 21 out. 2019.

ALÓS, Anselmo Peres. Literatura e intervenção política na América Latina: relendo Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos**, nº. 38, p. 139-162, 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/38/artigo8.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

BENEDUZI, Luís Fernando. O Mediterrâneo enquanto metáfora da mestiçagem - Novas leituras sobre o modelo europeu na América Latina dos anos 1920. *Civitas, Rev. Ciênc. Soc.*, vol.15, no.3, Porto Alegre, jul./set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/civitas/v15n3/1984-7289-civit-15-03-0437.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

FIGUEIREDO, Angela; GOMES, Patrícia Godinho. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. *Rev. Estud. Fem.*, vol. 24, no. 3, Florianópolis, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/15.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.: il. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. A performance narrativa de uma blogueira: "tornando-se preta em um segundo nascimento". *Alfa Rev. Linguíst.*, vol. 58, no. 3, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n3/1981-5794-alfa-58-03-00541.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

OLIVEIRA NETO, Marcolino Gomes de. Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, no.16, Brasília, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00065.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

SANTOS, Ana Cristina dos; VARGENS, Dayala Paiva de Medeiros; BARRETO, Talita de Assis. Literatura Hispano-Americana – Volume III. 4º Congresso Brasileiro de Hispanistas. Associação Brasileira de Hispanistas, 2006. Disponível em: https://www.hispanistas.org.br/arquivos/congressos-e-jornadas/Literatura_Hispano_Americana%20volume%20III.pdf. Acesso em: 30 set. 2019.

SANTOS, Naila Janilde Seabra. Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/AIDS. *Saúde soc.*, vol. 25, no. 3, São Paulo, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00602.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Autoria feminina, memória e subjetividade: relações possíveis. *Antares: Letras e Humanidades*, vol. 6, n.º. 11, jan-jun 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/2849/1664> . Acesso em: 01 out. 2019.

SANTOS, Sandra Leite dos; ZOLIN-VESZ, Fernando. Me llamo Rigoberta Menchú y a mí me necesitó el castellano: a língua espanhola como dispositivo de exclusão social. In: SOUZA, F. M., and ARANHA, S. D. G., orgs. *Interculturalidade, linguagens e formação de professores* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 35-47. *Ensino e aprendizagem collection*, vol. 2. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/qbsd6/epub/souza-9788578793470.epub>. Acesso em: 20 out. 2019.

WALAS, Guillermina. Testimonio de un instrumento ambiguo: la “lengua” en *Me llamo Rigoberta Menchú*. *Documentos Lingüísticos y Literarios*, n. 30, 2007. Disponível em: www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=1339. Acesso em: 21 out. 2019.

* Acadêmica do curso Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Estácio de Sá.